



## CAMINHOS PARA A PROMOÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LAURA LETÍCIA RIBEIRO DO NASCIMENTO DE MIRANDA; RAFAEL RAPOSO SANTANA

### RESUMO

A partir de reflexões baseadas em nossa realidade escolar e correlacionando-as com nossas individualidades e identidades, enquanto pessoas pretas (doentes e alunos), vislumbramos a necessidade emergente de colocar em evidência as relações étnico raciais dentro das aulas de Educação Física, a partir do desenvolvimento de conteúdos da cultura corporal de movimento de matrizes africanas e afro-brasileiras. Apesar de movimentos políticos e legais fomentarem a obrigatoriedade do trabalho com conteúdos de matrizes africanas e indígenas, desde 1995 com o sancionamento da lei nº 9.131, modificando-se ao longo do tempo até chegarmos na Lei 11.645/2008, o que vivenciamos ‘no chão’ da escola é a ausência do cumprimento desta lei por parte da classe docente, ou então um trabalho superficial e vago desenvolvido ao longo do mês de novembro. Esse negligenciamento no trato de conteúdos que tematizam e protagonizam povos negros, em detrimento de uma educação eurocêntrica e com base na cultura do branqueamento, na maioria das vezes, é justificado pelos docentes pela falta de formação e capacitação dos mesmos, a ausência de conhecimento e domínio do conteúdo, falta de afinidade com a temática e até mesmo a privação da consciência da importância do desenvolvimento desses temas na formação de crianças pretas e não pretas durante a educação básica. A partir desse cenário o nosso intuito é construir caminhos para compartilhar e orientar professores a partir da produção e sistematização de um material prático, pedagógico e formativo, composto por referenciais teóricos e práticos com diferentes manifestações da cultura corporal do movimento, que fornecerão subsídios coesos para que estes professores possam, de fato, desenvolver essas temáticas em sala de aula com seus alunos, e assim promoverem uma educação antirracista. Assim, como produto pedagógico final, foi elaborado um documento de orientação para que os docentes, efetivem uma educação antirracista por meio jogos e brincadeiras de matrizes africanas nas aulas de Educação Física.

**Palavras-chave:** Educação Antirracista; Racismo; Étnico-racial; Jogos; Brincadeiras

### 1. INTRODUÇÃO

Iniciamos a apresentação da proposta a partir de uma reflexão a você professor, a partir de suas vivências individuais: “como o seu aluno negro se sente na escola?”. Quais são os referenciais que as crianças negras estão recebendo dentro do espaço escolar para que possam se espelhar e se construir socialmente, firmarem suas identidades, compreenderem sua ancestralidade e projetarem seu futuro.

O sistema educacional brasileiro e a escola como uma instituição polícia-histórica e cultural, tem ficado a serviço de nossa sociedade fundamentalmente racista e preconceituosa e, nesse aspecto, o local onde todos deveriam ser acolhidos, e contemplar a pluralidade e diversidade humana, respeitando as diferenças e fornecendo oportunidades equivalentes ao estudante, é justamente onde se encontram as maiores manifestações de racismo contra a existência de crianças negras, “o preconceito e a discriminação raciais podem ser notados nas

relações pessoais até nos livros didáticos” (VALENTE, 1987, p.31). A escola carrega em si o peso de um processo histórico agressivo, que omite a contribuição dos povos negros para a construção da nossa sociedade, que desconsidera e desvaloriza identidades pretas. Assim nossas crianças pretas se veem cada vez mais pressionadas, para serem aceitas pela sociedade, negando a si mesmos em prol da mesma sociedade que ao mesmo tempo que prega a falsa democracia racial, também marginaliza e mata corpos pretos diariamente.

As experiências e relações raciais fazem parte da existência humana e da formação do ser, portanto estas relações também perpassam o ambiente escolar e a aprendizagem e, dependendo de como estas relações são abordadas nesse espaço de ensino-aprendizagem, pode se pensar no sucesso ou insucesso de uma criança preta, a partir de como ela se enxergou ao longo da vida escolar e quais referências teve para se construir enquanto pessoa.

A partir de 1995 tem-se com o art. 2º da Lei nº 9.131 que anos mais tarde fundamentaria o parecer CNE/CP Nº 3/2004 (BRASIL, 1995). Tais leis chegam com o propósito de tentar minimizar o racismo estrutural dentro do âmbito escolar e promover o reconhecimento e a reparação histórica para os povos pretos. Em 2003 tem-se uma mudança no texto da Lei 9.131 e foi sancionada a Lei 10.639 que tornou obrigatória no currículo oficial da rede de ensino brasileira a temática acerca da história e cultura Afro-Brasileira na educação básica de escolas públicas e privadas. Passados cinco anos, surge a necessidade de uma nova lei, assim surge a Lei 11.645/2008 que valida até hoje a manutenção do desenvolvimento destes conteúdos em todas as disciplinas do currículo escolar.

Além de ações legais, documentos que regem a educação brasileira, também se manifestam diretamente em prol de uma educação antirracista e com equidade racial. Entre eles podemos citar a Base Nacional Comum Curricular, os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira e o PNE (Parâmetros Nacionais Educacionais) que na meta 7 define qualidade educacional, enquanto que na estratégia 25 menciona diretamente a educação antirracista.

Apesar de todas essas ações fomentarem a equidade racial dentro do âmbito escolar, a realidade em sala de aula continua a mesma, e isso acontece porque além de conscientizar as crianças, também é necessário conscientizar e formar os docentes, pois são eles que serviram de ponte de acesso para a mudança e construção de novos olhares e uma nova história. “O professorado em geral não percebe as graves diferenças existentes nos resultados escolares de crianças negras e brancas. Não estabelece relações entre raça/etnia, gênero e desempenho escolar, e não percebe também como essa não-percepção interfere na sua própria conduta.” (SILVA, 2001, p.66). É tarefa de uma escola que se quer cidadã e, por isso mesmo, não pode deixar de incluir a questão racial no seu currículo e na sua prática” (GOMER, 2001, p.89). Se faz urgente pôr fim ao silêncio da escola.

Sob estas afirmações dos autores, o presente trabalho pretende trilhar caminhos para suprir esta lacuna e promover uma educação antirracista nas aulas de Educação Física a partir dos conteúdos da cultura corporal do movimento, que tem sua origem em matrizes africanas e afro-brasileiras. Para isso pretendemos então promover a confecção de um material de orientação e formação para professores com práticas de matrizes africanas e afro-brasileiras. Este material fornecerá ao professor encaminhamentos para que ele possa subsidiar a sua prática pedagógica de forma consciente. Não se tem a pretensão de elaborar um livro de receitas que irá sistematizar uma sequência pedagógica, mas sim um material formativo e de orientação ao docente, que visa além do fazer por fazer, buscando atingir o saber e o fazer com consciência.

Assim sendo, “todo esse esforço teórico e prático tem como objetivo que o professorado compreenda a particularidade da condição racial dos/as alunos/as e assim deem um passo para promover a igualdade. É preciso compreender que a exclusão escolar é o início da exclusão social das crianças negras” (SILVA 2001, p. 66). Por meio deste trabalho

objetivamos construir e apontar caminhos concretos, subsidiados por materiais didáticos e formativos, para que professores de Educação Física consigam orientar suas práticas cotidianas dentro de uma perspectiva antirracista, desenvolvendo conteúdos relacionados a história e cultura africanas e afro-brasileiras através de diferentes manifestações da cultura corporal do movimento que compõem a Educação Física Escolar, seja com jogos, brincadeiras, danças, lutas ou até mesmo protagonizando personalidades negras dentro dos esportes. Assim, nosso foco não se limita somente em concretizar a educação antirracista nas aulas de Educação Física, como é previsto por lei, mas viabilizar esse objetivo através da formação e orientação de professores, por meio de conteúdos sistematizados

## **2. MATERIAIS E MÉTODOS**

Este estudo se caracteriza-se por ser uma pesquisa de abordagem qualitativa, corroborando com Marconi e Lakatos (2011, p.269), quando afirmam que “o método qualitativo difere do quantitativo não só por não empregar instrumentos estatísticos, mas também pela forma de coleta e análise dos dados.”.Visando fomentar a reflexão dos professores, pesquisamos e elencamos algumas atividades a fim de nortear o trabalho pedagógico, não como um manual engessado, mas que possibilite um ponto de partida onde o professor possa fazer as adequações de acordo com sua realidade e maturidade de seus alunos, buscando a não transmissão de saberes de forma hierarquizada, mas sim a construção do saber, onde professor e aluno atuam juntos.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A proposta de intervenção que apresentaremos não tem o objetivo de se tornar uma cartilha para professores de como se trabalhar o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na busca de uma educação antirracista, mas sim com intuito de incentivar e promover ações e reflexões dentro da escola que valorizem a diversidade e o respeito às diferenças, buscando o entrelaçamento entre as diversas áreas de conhecimento, oportunizando o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico assim como explicita Freire em suas propostas educacionais

A primeira proposta de atividade para iniciar a discussão e tematizar as relações étnico-raciais indicamos 2 vídeos como recurso didático, para promover a reflexão do aluno, tornando mais significativo e concreto esse aprendizado. O vídeo que indicamos são “O xadrez das cores e Dúdu e o lápis cor de pelo”, ambos vídeos retratam situações de racismo, preconceito, relações abusivas e buscam causar desconforto ao espectador diante das situações evidenciadas propiciando assim um debate sobre esses assuntos. A introdução a temática a partir de vídeos permite que os aprendizes se encontrem do tema, e vislumbrem logo de início alguns dos motivos pelos quais devemos desenvolver estes conteúdos. Vale ressaltar que a indicação não é obrigatória, e caberá ao professor perceber a melhor maneira de introduzir o tema com suas turmas, seja por uma aula expositiva, uma roda de conversa para mapear os conhecimentos prévios dos alunos, uma pesquisa, dinâmicas e entre tantas outras estratégias possíveis

Por meio de aulas expositivas dialogadas, mostra e discussão de vídeos, leitura e debate de textos e dinâmicas de grupo, desenvolve-se uma ementa que discute os conceitos de racismo, discriminação racial, preconceito/preconceito racial, segregação racial e desigualdades raciais, as presença e interferência na cultura brasileira e na cultura escolar (SILVA, 2001, p. 72)

No segundo momento propomos que seja realizadas experimentações e vivências de diferentes manifestações corporais da cultura africana e afro-brasileira, ficando a critério do

professor decidir qual se encaixa melhor na sua realidade, podendo seu trabalho abranger todas ou apenas um eixo, dependendo do planejamento do docente. Indicamos a possibilidade com o trabalho de jogos e brincadeiras, assim apresentaremos alguns exemplos maneira bem sucinta, porém partindo dos argumentos de Kishimoto (2011) que ao propor atividades lúdicas que se baseiam na cultura africana e afro-brasileira o professor leva o aluno a um maior aprendizado do respeito à diversidade étnica e contribui para construção de uma identidade positiva dos alunos negros. Advertimos que cabe ao professor além de propor essas atividades que se atentem em problematizar as mesmas, para que se possa discutir os mais variados temas dentro das relações étnico-raciais, trazendo aos alunos uma experiência inter e intracultural, num encontro com a cultura do outro como também das raízes de sua própria cultura. Sendo assim elencamos dois jogos como exemplos, que podem ser desenvolvidos apresentados na tabela abaixo:

**Exemplos de jogos de matrizes africanas**

Tema	Brincadeira Mamba (África do Sul)	Brincadeira Gato e Rato (Republica do Congo)
Objetivo	Apresentar a brincadeira Mamba, proporcionando o aprendizado de suas características, bem como informações sobre seu país de origem.	Apresentar a brincadeira Gato e Rato, proporcionando o aprendizado de suas características, bem como informações sobre seu país de origem.
Descrição	Nesta brincadeira, uma participante é escolhida para ser a cobra, e os outros participantes são as cabeças da cobra. Os/as outros/as têm de fugir da cobra, mas não podem sair de um grande círculo desenhado no chão. Assim que a Mamba pega um dos fujões, este segura na mão daquele/a que desempenha o papel da cobra e passa a ser parte da cauda. A perseguição continua até todos formarem uma longa cauda.	Os/as participantes formam um círculo de mãos dadas e dois são escolhidos/as para serem os/as personagens. O que vai ser “o rato” posicionasse, no meio do círculo, e o que representa “o gato” fica do lado de fora da roda. A brincadeira começa com o gato tentando agarrar o rato, que, por sua vez, tenta escapar ao redor do círculo ou por baixo dos braços dos/as colegas, entrando e saindo da roda. Quando o rato é pego, termina a rodada e outros/as participantes são escolhidos/as para desempenhar os papéis do gato e rato.
Avaliação	Observação, roda de conversa e registro reflexivo	Observação, roda de conversa e registro Reflexivo

\*Fonte Rocha, Suzi Dornelas e Silva Planejamento pedagógico: um diálogo com a cultura africana e afro-brasileira / Suzi Dornelas e Silva Rocha ; orientadora: Andresa de Souza Ugraya. – Bauru: UNESP, 2020

Para além dos jogos e brincadeiras o educador também pode desenvolver a temática abordando jogos de tabuleiro, danças e músicas de matrizes africanas, lutas, e até mesmo debater sobre o protagonismo de pessoas pretas dentro dos esportes de alto rendimento, as possibilidades são inúmeras. O docente deve ter em mente que não se faz necessário que haja um momento único para abordar estes conteúdos, eles já se fazem presentes nos currículos escolares dentro das unidades temáticas da Educação Física, o que nos cabe é evidenciar e valorizar as origens dessas manifestações, aborda-las de maneira mais crítica e reflexiva, evidenciando o protagonismo de todos os povos.

**4. CONCLUSÃO**

A promulgação da lei 10639/03 por si só não soluciona a questão do racismo dentro ou fora da escola, mas é uma ação afirmativa que quando trabalhada de maneira efetiva visa garantir o direito à diversidade cultural no ambiente escolar por meio de práticas e produção de conhecimentos, que possibilitem uma convivência harmoniosa e respeitosa entre os diversos grupos étnico-raciais presentes no espaço escolar. Deve, ainda, promover a divulgação e produção de conhecimentos, atitudes, posturas e valores que eduquem o cidadão quanto à diversidade étnico-racial, garantindo o respeito aos direitos legais e a valorização da identidade (BRASIL, 2004).

Entretanto mesmo com a lei nº10639/03 a ausência de formação sobre as relações étnico-raciais para os professores não muda a realidade que vivenciamos diariamente. Professores sem a formação necessária muitas vezes, não compreendem a questão étnico-raciais, para transmitir para os alunos a valorização dessas diferenças culturais. Para (Aq da Silva 2018) “fornecer informações científicas para os professores, sem tabus, estereótipos e preconceitos são necessários para o questionamento dentro da sala de aula por partes dos alunos sejam respondida de modo devido, e não sejam ignoradas ou silenciadas”, salientando ainda sobre as influências políticos, legislativos e culturais presentes na formação, em busca de formação humana onde a diversidade étnico-racial, a discussão de racismo e de preconceito se faça presente devido a toda conjuntura como explicitamos.

Nossas colocações aqui são sintéticas dentro de uma proposta mais aprofundada de pesquisa e aplicação, mas se faz importante ressaltar que a educação antirracista não se limita ao mês de novembro, ela deve ocorrer ao longo de todo o ano e estar presente cotidianamente em nossas falas e práticas pedagógicas. Por fim, sabemos que “nem sempre é fácil estabelecer um diálogo sobre temas polêmicos: política, religião, sexo, machismo, racismo... Porém são temas que, por causa da sua importância, não podem permanecer fora da pauta de discussões sobre educação e cidadania” (CAVALLEIRO, 2001, p. 141)

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm) . Lei N.º 9.131, de 24 de novembro de 1995. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9131.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9131.htm) . Acesso em: 13 de maio de 2022.
- . Lei N.º 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 13 de maio de 2022.
- . Lei N.º 10.639, de nove de janeiro de 2003. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 ja. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 13 de maio de 2022.
- . Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. 2014b. Seção 1, p. 1, Ed. Extra.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (org). Racismo e Anti-racismo na Educação - repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CUNHA, Débora Alfaia da et al. Brincadeiras africanas para a educação cultural. 2016.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.) Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. Ed. – 6. Reimpr. – São Paulo: Atlas p. 269.

MORAIS COSTA de, Jaqueline; PINHEIRO, Nilcéia Aparecida Maciel. O ensino por meio de temas-geradores: a educação pensada de forma contextualizada, problematizada e interdisciplinar. Imagens da Educação ISSN 2179-8427, v. 3, n. 2, p. 37-44, 2013.

RODRIGUES, Tatiana; CARDOSO, Ivanilda. A importância de promover um ensino contra o racismo. Geledes, 2019. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/a-importancia-de-promover-um-ensino-contra-o-racismo/?gclid=Cj0KCQjwyYKUBhDJARIsAMj9lkF40ef0INSRZkupgfdCAhV-GnURAZ\\_veXOhu3tSuWV\\_dJpvC5ctzSEaApX6EALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/a-importancia-de-promover-um-ensino-contra-o-racismo/?gclid=Cj0KCQjwyYKUBhDJARIsAMj9lkF40ef0INSRZkupgfdCAhV-GnURAZ_veXOhu3tSuWV_dJpvC5ctzSEaApX6EALw_wcB). Acesso em: 15 de maio de 2022

ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. 5 ed. São Paulo: Selo Negro, 2001

SOUZA, Ivanete Silva de et al. DO SILÊNCIO DO LAR AO SILÊNCIO ESCOLAR: RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Revista em Favor de Igualdade Racial, v. 1, n. 1, p. 137-146, 2018.

SILVA, Maria Ap. da. Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001

VALENTE, Ana Lúcia E. F. Ser Negro no Brasil Hoje. São Paulo: Moderna, 1987.